

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas Class.: 27

Data: 24/06/84 Pg.: _____

XACRIABÁS

NEM pretensioso nem humilde. Apenas um remanescente dos índios Xacriabás, enigmático e silencioso à espera de mais um golpe na garrafa de cachaça que passava de boca em boca. As 19 horas, naqueles ermos de Minas Gerais, dificilmente se poderia ver céu mais estrelado e maior abandono comum.

Com a boca cheia, o índio Santo Rico passou a garrafa a outro remanescente, agachou-se perto do carro e, meio embriagado, manifestou intenção de permanecer em silêncio. Incômodo silêncio, porque, afinal, ele havia sido o causador involuntário de uma viagem de mais de 1 mil quilômetros de Belo Horizonte às distâncias de Itacarambi, no Norte do Estado.

Juntamente com outros 140 remanescentes Xacriabás, protegidos e amparados com dificuldades pelo padre Johann, um austríaco que por lá vive há mais de vinte anos, Santo Rico é muito diferente de sua pequena tribo, que não lidera mas que o respeita. Apesar de viver praticamente com uma garrafa de cachaça na mão, sendo raros seus momentos de lucidez, consegue balbuciar palavras inteligíveis. Aos 13 anos de idade, deixou as terras de sua gente e caminhou em direção a Pirapora, onde, a bordo de um vapor, desceu o rio São Francisco até Joazeiro. Fez e refez a viagem várias vezes, até que foi expulso da embarcação por dormir demais.

A pé, continuou seu caminho até Montes Claros. Era 1939 e ele ainda não havia feito 15 anos. Juntamente com outros migrantes seguiu para São Paulo, atraído pela indústria da construção civil, que se preparava, então, para participar da fase planejada do desenvolvimento da cidade. Ele se lembra que seguiu de caminhão, numa viagem difícil e lenta em companhia de várias pessoas. A chegada a São Paulo não foi diferente do espetáculo que ainda hoje se repete todos os dias: solidão, medo, intimidação provocada pelos problemas urbanos e a lembrança de sua Itacarambi.

Não que fosse preguiçoso, mas José João — o seu verdadeiro nome — não estava preparado para trabalhar em construção civil. Poderia fazer outras coisas, tomar conta de boiadas, capinar, cuidar de roça, mas não preparar massa para pedreiro construir edifícios. Ficou cinco meses naquela vida para seguir, ainda em busca de trabalho, para Santos, onde o porto o atraía com a promessa de melhores salários. Acomodou-se num quartinho com outros dois mineiros e, em breve, estava carregando e descarregando fardos de navios. A guerra havia começado na Europa, e tensão nos marinheiros era grande e o serviço precisava ser feito com rapidez.

Naquela vida de estivador, o pequeno José João se desenvolveu fisicamente.

Seu 1,87m — era dos menores a trabalhar na descarga dos navios — e sua dificuldade em falar corretamente



o português provocaram-lhe vários problemas, sempre resolvidos à custa de brigas. Mas, lembra ele, sua dignidade jamais "rolou" nos trilhos das docas. Ele passa as costas das mãos na boca, aparentemente seca, querendo mais bebida. E continua, com dificuldade, falando da sua vida, comum no dia-a-dia, mas povoada pelas lembranças da tribo, maior àquela ocasião às margens do rio São Francisco.

Com o tempo, o País entrou no conflito, depois que vários navios de bandeira brasileira foram torpedeados nas costas do Nordeste por submarinos alemães. Crescia a comoção nacional e, juntamente com outros rapazes, o índio José João se alistou para combater. Foi selecionado e enviado para São João del-Rei, de onde partiu em 1944 para a Itália num navio de transporte norte-americano. Apesar de o exército não confirmar, alegando que não há, em seus registros, qualquer referência a Santo Rico, ele mostra a barriga marcada por várias cicatrizes provavelmente feitas por cirurgias.

Os irmãos de sangue no sofrimento

Maurício PESSOA

"Vi combates ferozes, participei de vários. Fui metralhado pelos alemães e operado por médicos brasileiros em hospital de campanha. Essas marcas na barriga são consequência de balaios do inimigo, que quase me mataram".

Não são apenas essas marcas físicas que Santo Rico trouxe da guerra. Seu apelido lhe foi dado em função da platina que tem na perna esquerda, certamente durante a guerra.

Suas lembranças, contudo, são frequentemente atormentadas por situações e experiências vividas na infância, no porto de Santos, em Itacarambi e se confundem com a guerra. Viciado em bebida alcoólica há dezenas de anos, não consegue se expressar com correção. Entre uma menção e outra de sua passagem pelos campos de batalha, diz que a coruja pia de madrugada porque tem fome de coelhos.

De qualquer maneira, jamais Santo Rico recebeu qualquer pensão por ter participado do conflito. Voltou aleijado e procurou esquecer suas mágoas em Itacarambi, onde pode ser encontrado numa das últimas reservas florestais nativas ainda existentes no Norte de Minas, e que, graças à fertilidade das terras de propriedade dos Xacriabás, vêm despertando a cobiça de conglomerados financeiros e industriais, ávidos pela expulsão dos remanescentes.

Essas terras, segundo o padre Johann foram doadas aos índios Xacriabás pelo Imperador Dom Pedro II, gratificando-os por sua participação na guerra do Paraguai, e vêm sendo conquistadas pelo poder de pressão de várias empresas de grande porte de São Paulo e do Rio de Janeiro, já que se encontram em área de influência de Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

Se valem muito para projetos agropecuários, diz o padre, maior valor têm para os 140 remanescentes, já que aqui viveram durante toda sua vida e por aqui passaram todos os seus ancestrais. Em outras palavras, expulsá-los é violentar um povo que as recebeu como presente da Nação pelo seu esforço contra os paraguaios. "Não cabe discutir se foi justa ou não a guerra contra o Paraguai. O que importa é que essas terras foram doadas pelo Imperador. Retirar daqui os Xacriabás é condená-los à morte."

Para sobreviver, os poucos índios que ainda existem nas proximidades de Itacarambi dedicam-se a colher capim, sementes de capim para vender. Nada plantam e não possuem reses. Pescam no São Francisco e caçam pequenos animais com as mesmas armas que utilizam para se defender da pressão dos brancos que insistem em ocupar suas terras. Apesar de não haver riscos de um conflito entre índios e brancos, é frequente o clima tenso e natural a desconfiança existente entre o grupo. Com alguma frequência, a Delegacia Regional de Polícia de Montes Claros investiga a ocorrência de atritos, mas, todos sabem, dificilmente os Xacriabás terão condições de conservar terras tão valiosas por muito tempo.

São ricas as histórias que contam. Entre elas a de um velho índio que ganhou dinheiro na loteria, em 1937, e que todas as vezes que chegava a Pirapora, montado em seu cavalo pequirá, parava à porta de um bar,

descia, tomava uma cerveja e mandava o proprietário trazer um engradado para fora. Arrancava as tampas das garrafas, despejava a cerveja num jarro e dava um banho no cavalo "pra afastar o calor".

Fantasia ou realidade, o certo é que histórias como essa despertam risos prolongados entre os Xacriabás, agachados quase sentados sobre os calcanhares. São tipos franzinos, com alguma barba rala e encarquilhados precocemente pelo sol do Norte de Minas. Todos, praticamente sem exceção, cultivam casos como o do ganhador da loteria porque talvez sejam uma manifestação de antigas supremacias sobre os brancos.

Na vida difícil de todos os dias, as mulheres xacriabás praticamente não menstruam. Suportam gravidezes consecutivas, contribuindo involuntariamente para as altas taxas de mortalidade infantil da região.

Desconhecem a Funai, temem os soldados, e os brancos, são assustadinhos e encontraram, no Velho Santo Rico, sua única bandeira. E todos falam dele, querem mostrar sua perna de platina, sua barriga marcada por cicatrizes que, se conquistadas ou não nos campos de batalha, servem, pelo menos, para que esses últimos Xacriabás não percam sua identidade com seus ancestrais guerreiros.

Santo Rico balbucia nomes de antigos companheiros, "o Lima, o Pereira", mas não consegue situá-los no tempo.

Às vezes diz que combateram, outras que trabalhavam no Porto de Santos.

Diante de sua visível confusão mental, não explica corretamente as histórias que conta. Mas, se o governo não consegue demonstrar que ele fantasia em relação à segunda guerra, também não explica como conseguiu a perna de platina.

A leste da reserva Xacriabá, praticamente desconhecida dos espeleólogos brasileiros, existem grutas que jamais foram visitadas, algumas com correntes d'água subterrâneas e "estranhos peixes sem olhos" que os índios temem mas que o padre Johann nunca viu, certamente pela dificuldade que tem em caminhar. O acesso às grutas é difícil, os caminhos são tortuosos e íngremes, mas a lenda e a tradição revelam que pouco se sabe sobre essa região do Norte de Minas.

Quem conhece bem a área são os garimpeiros e mineradores, além dos carvoeiros. Esses últimos, quando o carvão era vendido a Cr\$ 1 mil e 800 o metro cúbico, quase incendiaram o Norte de Minas. Com os preços reduzidos a Cr\$ 1 mil o metro cúbico, suas atividades praticamente cessaram. Restam os garimpeiros esparsos que tanto temem os índios quanto são temidos por eles. E, ocasionalmente, algum geólogo, quase um cometa, que sempre procura pelo padre Johann antes de iniciar qualquer incursão por aquelas terras.

A vinte quilômetros de Itacarambi, alheios a tudo, os Xacriabás podem estar assistindo a uma criança de três anos atear fogo num casebre. Não a interrompem ou impedem. Pelo contrário, até estimulam a peraltice, que nas melhores famílias provocaria intervenção de psicólogos. Entre risos, saúdam a imaginação e o poder de realização do pequeno. Coisas de índio ou simplesmente respeito pelo que faz a criatura humana?